

As relações do Vale dos Sinos com a Primeira Guerra Mundial

The relations of the Vale do Sinos with the First World War

Alex Juarez Müller*

Resumo: O ingresso do Brasil na Primeira Guerra Mundial proporcionou um surto industrial e no aumento da produção agropecuária nas colônias de imigrantes do sul do Brasil. O Vale dos Sinos, região de imigração alemã localizada no Rio Grande do Sul, teve seu crescimento acentuado no período do conflito. Por se tratar de uma região de colonização alemã o presente estudo objetiva compreender como a região se comportou durante a guerra. Devido a escassez de fontes primárias do período da guerra, como também de bibliografias que discutam o tema, essa pesquisa fez uso de fontes diversas (autores locais, relatórios, dados estatísticos, patrimônio edificado, etc) para chegar aos resultados preliminares apresentados. Os resultados prévios mostram que a região teve seu desenvolvimento acentuado com a guerra e que as comunidades alemãs estiveram sob a fiscalização constante do Estado.

Palavras – chave: Primeira Guerra Mundial, República Velha, Vale dos Sinos.

Abstract: The entry of Brazil the First World War afforded a industrial boom and increasing agricultural production in the colonies of immigrants from southern Brazil. The Vale dos Sinos, German immigration region located in Rio Grande do Sul, had its strong growth in the conflict period. Because it is a German colonization of the region present study aims at to understand how the region behaved during the war. Due to shortage of primary sources of the war period, as well as bibliographies that discuss the topic, this research used various sources (local authors, reports, statistical data, historic monuments, etc.) to get to the preliminary results presented. Partial results show that the region had its strong development with the war and the German communities were under the constant supervision of the state.

Keywords: First World War, the Old Republic, Vale dos Sinos.

Considerações iniciais

O artigo apresenta resultados preliminares do panorama histórico do Vale do Sinos durante a Primeira Guerra Mundial. A pesquisa foi realizada em conformidade com o componente curricular “Primeira Guerra Mundial e suas Consequências”, ministrado pelo professor Jerzy Mazurek, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF).

O objetivo do artigo é analisar o Vale do Sinos, região de grande importância agropecuária e comercial durante a Primeira Guerra Mundial, para compreender como esse

* Mestrando do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista CAPES. E-mail: muller.historia@gmail.com

espaço, de colonização alemã, se comportou durante o conflito mundial, já que é de praxe estudos relacionando as comunidades de imigrantes com a Segunda Guerra Mundial.

Durante a República Velha (1889-1930) o Vale do Sinos estava entre as principais regiões econômicas do Rio Grande do Sul e, durante o conflito mundial, as cidades locais tiveram um significativo crescimento, mesmo que esse espaço fosse predominantemente ocupado por descendentes de alemães.

A importância do Vale do Sinos está na vocação agropecuária e comercial, distinta do que ocorreu no centro do Brasil, onde houve um surto industrial para substituir produtos escassos, outrora importados dos países em conflito. Conforme apontam Gustavo Franco e Luiz Aranha Corrêa do Lago (2012), “a Primeira Guerra Mundial permitiu vislumbre do processo de industrialização via substituição de importações que se desdobraria depois em 1929 (...)” (FRANCO & LAGO, 2012, p.207).

Os estudos sobre como o Brasil se comportou na Primeira Guerra Mundial são escassos, mais escassos são as pesquisas que procuram compreender como as comunidades de descendência alemã permaneceram durante o conflito. Devido a carência de fontes, essa pesquisa analisou bibliografias locais, relatórios de intendentess da época, mensagens anuais do ¹Presidente do Estado a Assembleia e observação do patrimônio edificado das cidades no momento da guerra.

A articulação da Primeira Guerra Mundial com o Vale do Sinos remete a uma análise do geral com o particular, ou vice versa, para isso deve-se compreender o espaço trabalhado. María Carbonari discute que cada região deve ser entendida dentro da sua totalidade na interação homem e o ambiente, cujo “el espacio regional, no es, por tanto, un espacio fijo, sino un espacio social con conjuntos heterogéneos en continua interacción.” (CARBONARI, 2009, p.28).

María Carbonari (2009) diz que as regiões não devem ser encaradas como fenômenos padrões que se repetem, mas sim percebida conforme diz Edmundo Heredia, que

“es preciso reconocer a la región, considerada históricamente, como un espacio dinámico y mutuamente que debe ser observado dentro de un proceso evolutivo; (...). Para entender esta condición de la región hay que entenderla como un espacio habitado por el hombre y por tanto como una categoría para el conocimiento del hombre, no de la naturaleza.” (HEREDIA, 1996, p.292).

Para o historiador José D’Assunção Barros (2005), a região pode ser definida pela homogeneidade de relações e critérios de diversos elementos, os quais não são estáticos, por isso um espaço não pode ser definido como fenômeno padrão para todos os lugares. O

historiador também lembra que a região pode ser entendida através de seu movimento interno de relações, entretanto essa espacialidade se insere em conjuntos que extrapolam suas fronteiras ocasionando inter-relação com outras regionalidades.

José D'Assunção Barros (2005) lembra que a região pode ser definida fazendo uso dos recursos geográficos, visto que um espaço pode ser delimitado através de sua paisagem natural ou cultural. No caso do Vale do Sinos, a análise da paisagem cultural pode ser realizada conforme discute o historiador, por meio da percepção das interferências humanas que foram imprimidas na fisionomia do espaço.

Para compreender qual a condição que o Vale do Sinos insere-se no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, tracei a seguir um breve panorama para que os leitores possam entender como constitui-se a formação desse espaço.

A região do Vale do Sinos

O historiador José D'Assunção Barros aponta que “a paisagem pode coincidir com uma ‘região natural’ (...) ou pode ser derivada de um padrão cuja singularidade associa-se a um tipo de ocupação agrícola ou organização humana do espaço” (BARROS, 2005, p.100). Portanto, o Vale do Sinos, tem na sua configuração física natural o Rio do Sinos², curso d'água que estabeleceu o padrão dos assentamentos desse espaço, servindo de transporte de mercadorias e passageiros entre os séculos XVIII e XX³.

A sua ocupação étnica pré-colonial caracteriza-se por índios kaingangs⁴ que habitavam as encostas do planalto em abrigos rochosos ou em estruturas subterrâneas. No século XVIII, a ocupação colonial passou a empurrar os habitantes indígenas por meio da formação das fronteiras entre portugueses e espanhóis. As invasões europeias foram oficializadas por meio das sesmarias com uso da mão-de-obra escrava ou senão de troca de favores (agregados).⁵

No século XIX, mais precisamente 1824, o Império do Brasil atraiu imigrantes alemães para habitarem o espaço da fazenda pública denomina de Real Feitoria do Linho Cãnhamo, que depois recebeu o nome de São Leopoldo. Os imigrantes alemães foram introduzidos na região com os objetivos de produzir alimentos, substituir gradativamente a mão-de-obra escrava brasileira, branquear a população e propriamente civilizar o Brasil. Assim, o Vale do Sinos, foi um projeto piloto brasileiro que almejava suprir a falta de alimentos como também aproximar as terras brasílicas do padrão europeu de civilização.

O regime de propriedade dos imigrantes diferenciava-se do modelo português de sesmarias, o padrão que passou a vigorar era a pequena propriedade com mão-de-obra familiar.

O projeto de colonização, partindo de São Leopoldo, deu tão certo que em 1846 a região tornou-se município. São Leopoldo servia como área escoadora da produção agropecuária, cuja era enviada pelo porto fluvial da cidade para Porto Alegre. Devido a importância dessa região, em 1874 foi inaugurada a linha férrea Porto Alegre - São Leopoldo com o principal objetivo de agilizar a entrega dos produtos agropecuários e impulsionar a atividade comercial fervilhante da região.

A densidade demográfica elevada de São Leopoldo originou, em 1846, o projeto particular de colonização da Fazenda Mundo, de iniciativa de Tristão Jozé Monteiro. O novo projeto colonial abrigou o excedente populacional de São Leopoldo, surgindo um novo centro de escoação da produção. Em 1886, a Fazenda Mundo Novo emancipou-se como o nome de Taquara do Mundo Novo, posteriormente somente Taquara, e em 1903 o ramal ferroviário vindo de São Leopoldo foi inaugurado com os mesmos objetivos, de aproximar-se da produção.

São Leopoldo e Taquara transformaram-se nos dois principais núcleos urbanos escoadores da produção agropecuária, além de concentrarem toda a burocracia estatal.

O Vale do Sinos, durante a Primeira Guerra Mundial, caracterizava-se por dois importantes núcleos urbanos (São Leopoldo e Taquara), espaços onde ocorriam as relações políticas, econômicas e culturais. Quando estourou o conflito, essa região era de grande importância para a economia do Rio Grande do Sul, tanto que o Estado possuía o apelido de “Celeiro do Brasil”⁶, dado a sua grande produção agropecuária.

A seguir será discutido o panorama brasileiro e do Rio Grande do Sul durante a Primeira Guerra Mundial.

O Brasil, o Rio Grande do Sul e a Primeira Guerra Mundial

O historiador Jerzy Mazurek (2013), ao contextualizar o panorama europeu as vésperas da Primeira Guerra Mundial, aponta que as tensões na Europa eram diversas, causadas principalmente pelas enormes disparidades entre os países. O pesquisador ressalta que a intensa disputa industrial na virada do século XIX para o XX proporcionou uma intensa disputa de mercados, ele dá como exemplo disso a Alemanha, ao dizer que “um testemunho de tal expansão foi a marca fabril *made in Germany*, a primeira desse tipo no mundo, afixada a partir de 1887 nos produtos exportador pelo II Reich.” (MAZUREK, 2013, p.3).

O historiador lembra que o intenso desenvolvimento da Europa Ocidental causou grande disparidade, visto que a Europa Oriental continuou mergulhada em constantes crises. Da região oriental, os Balcãs, com certeza, era o espaço que mais sofria com as instabilidades

dos inúmeros conflitos, visto que “o principal problema daquela região da Europa era constituído pela diferenciação étnico-religiosa, bem como pela rivalidade das potências pelas zonas de influência. O conflito dizia respeito à Turquia, Rússia e Áustria-Hungria, apoiada pelo II Reich.” (MAZUREK, 2013, p.3).

Ao Brasil pouco representava naquele momento os Balcãs, entretanto a guerra atingiu os interesses das potências da Europa Ocidental, sobre as quais o país sul americano possuía importantes relações de exportação e importação.

Thomas Skidmore (1998) aborda que o Brasil se manteve neutro nos três primeiros anos da Primeira Guerra Mundial, apesar de boa parte da elite brasileira ser favorável a entrar na Guerra pelo lado francês, dada a grande influência que a França exercia nas camadas mais abastadas, principalmente após a Proclamação da República (1889), por meio de seus pensadores, formas de se portar, vestimentas, comidas, cidades, etc. Skidmore (1998) aponta que do outro lado da moeda estavam os que apoiavam a neutralidade no conflito, que eram justamente os imigrantes alemães e seus descendentes que habitavam as diversas colônias nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O Brasil tinha interesse em manter uma relação amistosa com os dois lados do conflito, tanto que Francisco Doratioto (2012) aponta que o país se declarou neutro em 1914, mas em 1917 a Alemanha decretou o bloqueio marítimo dos países Aliados e posteriormente afundou um navio mercante brasileiro na costa francesa, o que não sustentou mais a neutralidade brasileira, obrigando o país a se posicionar contra os alemães.

Francisco Doratioto (2012) lembra que a neutralidade brasileira até a proclamação de guerra contra a Alemanha era contestada, pois o Ministro das Relações Exteriores Lauro Müller era descendente dos imigrantes alemães das colônias do sul do Brasil. As pressões sobre o ministro tornaram a situação brasileira insustentável após o afundamento do navio na costa europeia, ocasionando a sua renúncia em 1917. Um mês depois, o ministro empoçado Nilo Peçanha declarou guerra contra os alemães.

Gustavo Franco e Luiz Aranha Corrêa do Lago (2012) apontam que a declaração de guerra trouxe problemas econômicos nas exportações de café. Os países em guerra eram os principais parceiros do produto, só a Alemanha comprava dois terços do Brasil do seu consumo de café. Os pesquisadores abordam que durante o conflito o país passou a ser um fornecedor marginal de produtos industrializados e semi - industrializados para países periféricos que até então abasteciam-se dos bens da indústria europeia. Além disso, destacam que o setor que mais cresceu no período de guerra foi o agrícola.

A agricultura, no Rio Grande do Sul, tinha um peso importante, e no conflito mundial ganhou maior relevância. Sandra Pesavento (2002) discute que a eclosão da Primeira Guerra Mundial colocou o Rio Grande do Sul no papel de abastecer o mercado brasileiro e as nações aliadas. A pesquisadora diz que além de aumentar a produção houve o aumento dos preços das mercadorias.

Sandra Pesavento enfatiza que “até cerca de 1920, o Rio Grande ampliou cada vez mais sua produção no setor, aumentando tanto a área de produção quanto a tonelagem exportada” (PESAVENTO, 2002, p.74). Além disso, a indústria de produtos alimentícios teve expressivo crescimento, visto que “durante a Primeira Guerra Mundial, com o bloqueio do comércio internacional, eliminou-se a concorrência dos manufaturados estrangeiros” (PESAVENTO, 2002, p.76). Sandra Pesavento também lembra que a euforia produtiva no período de guerra consolidou a imagem do Rio Grande do Sul como “celeiro do país”, além disso, ela lembra que esse foi o momento que o governo de Borges de Medeiros sofreu menos oposição, visto que “o estado gaúcho agia como incentivador de melhorias, difundido novas técnicas, aconselhando, exortando à união, concedendo incentivos fiscais, apontando caminhos” (PESAVENTO, 2002, p.80).

O florescer do Rio Grande do Sul também é lembrado pelo Presidente Borges de Medeiros a Mensagem a Assembleia em 1919, onde ele relata que “a guerra foi-nos uma fonte inexaurível de solicitações e incentivos tendentes á intensificação incessante ao trabalho, em todos os domínios da atividade individual e colectiva” (MEDEIROS, 1919, p.4). Borges de Medeiros (1919) aponta que o Estado aumentou sua produtividade no setor de alimentos, dando ênfase para cereais e carne que eram exportados para os países em conflitos, e que esses recursos impulsionaram a indústria regional. Borges de Medeiros (1919) termina seu relato apontando que por um bom tempo a produção gaúcha iria abastecer a Europa, já que com o fim da guerra os países envolvidos necessitariam de mantimentos até reestabelecer suas economias.

A euforia produtiva tinha sua base nas áreas de imigração, principalmente no Vale do Sinos. Esse surto produtivo estimulou o crescimento acelerado das cidades e na agilidade dos transportes (ferrovia), também aproximou as áreas agrícolas das grandes urbes além de outros aspectos que serão mais bem pontuados a seguir.

O Vale do Sinos durante a Primeira Guerra Mundial

A Primeira Guerra Mundial para o Vale dos Sinos teve aspectos positivos e negativos. Os positivos configuram na consolidação da sua importância na economia do Rio Grande do

Sul, no desenvolvimento das cidades e melhorias urbanas, na melhora dos transportes e no aumento da produção agrícola. Os aspectos negativos restringem-se a constante observação do Estado sobre as comunidades de imigrantes alemães e o início de restrições que se concretizaram mais tarde na Segunda Guerra no governo de Vargas. Outra evidência que configura a alteração do panorama da imigração é o estancamento da vinda de alemães para o Brasil, que após a guerra nunca mais chegou aos picos anteriormente registrados, atrelado a isso se evidencia a alteração da política de colonização que agora começava a ser realizada com os excedentes populacionais das velhas colônias.

A seguir veremos uma série de aspectos que identificam as relações do conflito mundial com o Vale do Sinó, tais como: educação, logradouros públicos, política, agricultura e urbanização.

A educação

As escolas teuto-brasileiras desenvolviam um papel importante na vida das comunidades de imigrantes, onde a ausência do Estado era quase nula. Conforme relata Lucio Kreutz (2000), em 1890 o administrador de São e Leopoldo reclamava da omissão do Estado em abrir escolas, visto que eram 23 escolas particulares alemãs contra 3 públicas.

O método de ensino alemão era observado com desconfiança pelos que defendiam a soberania brasileira, mas foi na Primeira Guerra Mundial que ele foi colocado em suspeita, já que as instituições educacionais alemãs sofreram as primeiras tentativas do controle do Estado. Conforme discute Kreutz, “A partir da Primeira Guerra Mundial, o governo já havia iniciado um processo de nacionalização preventiva, abrindo escolas públicas perto das étnicas, sem impedir, porém, o funcionamento destas” (KREUTZ, 2001, p.172).

A discussão de Lúcio Kreutz aponta para a preocupação do Estado em controlar o ensino, que se confirma na mensagem do Presidente Borges de Medeiros a Assembleia em 1918, apontando que as escolas particulares que funcionavam no idioma alemão deveriam ser fechadas ou senão passadas para a iniciativa pública. O governador menciona que foram fechadas 83 escolas que funcionavam na língua e métodos alemães e que por decreto o governo federal enviaria verbas para custear a manutenção das instituições públicas e, principalmente, dar atenção para o ensino de geografia e história do Brasil. Essa discussão vai além do que Kreutz(2000) assinalou, uma vez que relato de Borges de Medeiros diz que diversas instituições foram fechadas.

Pode-se verificar que na Primeira Guerra Mundial o conflito também atingiu o dia-a-dia das comunidades germânicas, como na Segunda Guerra Mundial, principalmente na

questão do ensino onde discutia-se o uso do idioma e métodos alemães, entretanto, essas comunidades estavam distantes do auxílio estatal, assim tomavam as medidas de ensino por suas próprias mãos. O número de escolas públicas na zona rural do Vale do Sinos na atualidade chama atenção, e provavelmente isso pode estar relacionado com os antigos colégios alemães que foram encampados pelo Estado. Na mensagem de 1919 Borges de Medeiros aponta o número de escolas públicas que foram abertas em função da guerra, São Leopoldo possuía 10 e Taquara 12, as quais estavam distribuídas conforme a densidade de imigrantes alemães.

Outro aspecto que intriga é a inauguração do prédio do Grupo Escolar Rodolpho Von Hering, localizado em Taquara, no ano de 1918, compactuando com a política pública de abrir novas instituições nas regiões de imigração alemã.

O historiador Benedict Anderson (1993) discute a importância dada a educação na constituições das nações e na preocupação em ensinar a língua oficial do país como elemento marcante da nacionalidade. No Vale do Sinos as escolas eram ministradas por meio do idioma alemão e métodos alemães, portanto as escolas públicas vinham com o objetivo de ensinar em português e no método brasileiro, isso incluía ter aulas geografia e história brasileira.

A Primeira Guerra Mundial também teve suas relações quanto as nomeações de logradouros públicos, como veremos a seguir.

Os logradouros públicos

É sabido que a Proclamação da República instaurou no Brasil um troca-troca de nomes de logradouros públicos exortando tudo aquilo que lembrasse o passado imperial. A historiadora Ana Martins discute que “(...) as ruas denominadas de Imperatriz se transformaram em ruas 15 de Novembro, assim como muitos Largos da Matriz passaram a chamar-se Praça da República.” (MARTINS, 2001, p. 12).

A troca de nomes dos logradouros também marcou o Vale do Sinos, basta caminhar pelas ruas e perceber nomes republicanos por todos os lados. Para citar exemplos, a cidade de São Leopoldo tinha o Caminho do Passo que foi substituído para Rua Independência, a cidade de Taquara⁷ possuía o Caminho para Cima da Serra que foi trocado por Júlio de Castilhos, sem contar a enormidade de logradouros que tinham nomeação de santos católicos, lembrando a velha aliança Império e Igreja.

O pesquisador local, Germano Moehlecke (2011), relata que 1919, o intendente de São Leopoldo, Gabriel de Azambuja Fortuna, tentou alterar o nome do distrito de Novo Hamburgo para Borges de Medeiros. O mandante baseou-se numa circular que o Estado

enviou durante a guerra, sugerindo alterações dos nomes que exaltassem a Alemanha, entretanto, a troca da nomeação ocorreu após o conflito. O intendente aproveitou-se da situação para aproximar-se do governo estadual, uma vez que colocou o nome do próprio presidente do Estado. Os moradores do distrito rechaçaram o decreto que alterava a nomeação, inclusive o próprio Borges de Medeiros negou que seu nome fosse dado ao distrito, o que manteve a antiga nomenclatura.

A renomeação de Novo Hamburgo mostra que ocorreram pressões para alterar aquilo que era considerado alemão. Borges de Medeiros, provavelmente, observou a importância econômica que o distrito de Novo Hamburgo tinha para o Estado e logo negou o uso de seu nome para não se indispor. A importância hamburguesa se faria presente alguns anos depois quando o distrito foi elevado a categoria de município em 1927. A articulação política entre estado e poder local foi muito importante durante o conflito mundial, como veremos a seguir.

A política

A política republicana rio-grandense mostrava amplo apoio a colonização alemã. O Presidente Borges de Medeiros não cansava de elogiar a imigração, como na mensagem a assembleia de 1907 que expunha que um dos motivos do desenvolvimento do Estado era resultado do povo alemão. Esses engrandecimentos se configuram por diversas vezes nos sucessivos anos nas mensagens, entretanto nos anos da Primeira Guerra esses afagos começam a exaurir. Os relatos de Borges de Medeiros passam a ser sob o ponto de vista de relatar o conflito e as proibições que passam a ser feitas sobre a comunidade alemã.

Em nenhum momento Borges de Medeiros se mostra agressivo com as comunidades alemãs, apenas expõe medidas que lhes foram atribuídas por meio de decretos federais ou de inconvenientes causados pela guerra, como o relato, na mensagem de 1918, do fechamento do consulado alemão e a transferência dessa atribuição para o representante da Rainha da Holanda.

Borges de Medeiros sabia que o Estado necessitava das comunidades alemãs para o seu crescimento, mesmo que o Brasil tivesse declarado guerra a Alemanha. O Rio Grande do Sul tinha sua economia dependente das áreas de colonização, inclusive todo o complexo de transporte estava voltado para essas áreas, como por exemplo, a ferrovia. O que Borges de Medeiros não podia continuar fazendo eram suas declarações abertas de apoio aos imigrantes, entretanto podia omitir-se e continuar dando apoio político e econômico.

A política republicana era feita por meio do toma lá da cá, o gestor local dava apoio ao governo estadual e esse lhe dava amparo político e econômico. Conforme a historiadora Hebe

Mattos (2012), o intendente representava politicamente a força do coronelismo, um poder mantido pelas alianças dos estados com os poderes locais, e também a extinção das câmaras como formas administrativas dos municípios no Império. Para manter esse poder articulado, a historiadora Loiva Félix assinala que ocorriam as relações de “cooptação do coronelismo ao nível municipal feita através de mecanismos utilizados pelos aparatos ideológicos típicos do borgismo” (FÉLIX, 1987, p.126). Essas relações compunham cerimônias locais com a presença do governador para reforçar o poder central e, conseqüentemente, o fortalecimento do poder local.

Nessa situação compactuam-se as relações com os poderes locais na figura dos coronéis intendentes dos municípios de São Leopoldo e Taquara. Nesse caso, a política do Vale do Sinos, durante a guerra, esteve curiosamente nas mãos de gestores de origem lusa. No município de São Leopoldo o mando da prefeitura passará da mão do coronel Guilherme Gaelzer Neto (1902-1916), que era germanófilo convicto, para o intendente Gabriel de Azambuja Fontoura. No município de Taquara a política perpetuou nas mãos do Coronel Diniz Martins Rangel de 1900 até 1920.

A aliança política no período de guerra não podia ser desfeita, pois o Estado dependia do Vale do Sinos, das comunidades alemãs e muita mais da sua produção agrícola. Por isso, por todo o período de guerra, os municípios de São Leopoldo e Taquara não demonstraram estar desamparados ou acuados por causa da guerra. O que se percebe é que as cidades continuaram crescendo e a produção agrícola aumentando, como veremos a seguir.

A agricultura

A agricultura foi muito importante para o Rio Grand do Sul durante a Primeira Guerra Mundial, já que foi esse segmento produtivo que impulsionou o desenvolvimento do Estado, inclusive industrial, uma vez que a diversidade de indústrias voltadas para o setor primário era numerosa, principalmente na área de imigração.

O Vale dos Sinos não foge dessa regra, basta observar nos catálogos de época a quantidade de pequenas e médias indústrias que beneficiavam produtos agrícolas, como também a quantidade de casas comerciais que trabalhavam como intermediadoras da compra e venda da produção, principalmente nas proximidades dos meios de transportes, como por exemplo, a ferrovia.

A Primeira Guerra Mundial foi também para o Vale do Sinos um importante evento para o desenvolvimento local. Esse espaço sempre recebeu a atribuição do Estado de área para produção, desde o período do Império se observa o entorno do Rio do Sinos como área de

plântio, extrativismo, criação de gado, basta acompanhar os relatos dos viajantes, como Saint Hilaire (2006) e Arsene Isabelle (2002), sempre pontuando como é viva e diversificada a agricultura desse lugar. A construção da ferrovia foi mais um meio de aproximar esse espaço de Porto Alegre, com o objetivo de rapidez, por isso, conforme discute Paulo Zarth (2002), a estrada de ferro Porto Alegre – São Leopoldo-Taquara foi a única do Rio Grande do Sul com objetivos puramente econômicos.

Os dados e bibliografias sobre a agropecuária no período de guerra são escassos e esparsos, apesar da diversidade de relatos que são apontados em relatórios de época sobre o aumento da produção.

O feijão era um gênero importante na economia do Vale do Sinos, já que a região era a principal produtora do Estado, e de acordo com Jean Roche (1969) esse cultivo estava entre as principais fontes de renda do colono. O pesquisador aponta que “a Primeira Guerra Mundial estimulou a produção rio-grandense, que passou de 75.000 toneladas, em 1914, para 99.000 toneladas, em 1918, e para 120.000 toneladas, em 1919” (ROCHE, 1969, p.254). O diagnóstico de Roche (1969) mostra que o feijão abastecia o mercado brasileiro e externo, principalmente Argentina e Uruguai.

Outro dado curioso que Jean Roche (1969) assinala é sobre o plantio de soja, que teve início durante a Primeira Guerra Mundial. Não se pode dizer ao certo se há relação com o conflito, entretanto percebe-se que existe nesse período ânimo para que a produção agrícola aumente.

A mandioca também foi destaque na Primeira Guerra Mundial, segundo Jean Roche (1969), em 1920, o Rio Grande do Sul era o principal produtor. A planta adaptou-se bem entre os imigrantes alemães e logo o município de São Leopoldo era o principal exportador do produto para Porto Alegre.

Outro aspecto importante sobre a agricultura é a queda da área produtiva do Rio Grande do Sul entre 1920 e 1940. Jean Roche (1969) lembra que em 1920 a área produzida era de 680.000 ha e em 1940 de 652.000 ha. Esses dados apontam para uma provável relação com a guerra, uma vez que não havia mais necessidade de exportar para os países em batalha. Além disso, no Vale do Sinos, em especial São Leopoldo, teve uma queda acentuada na sua produção que foi gradativa após a década de 1920, apontado o êxodo de habitantes para outras colônias como também o crescimento industrial resultado das trocas entre campo e cidade através dos meios comerciais, conforme será visto a seguir.

O crescimento urbano

O crescimento urbano nas áreas de imigração, e também na capital Porto Alegre, só foi possível graças a produção agrícola, visto que toda infraestrutura de transportes era voltada para a coleta do que o colono produzia.

Durante a Primeira Guerra Mundial o surto produtivo transformou as cidades. Taquara e São Leopoldo tiveram sua urbanização estimulada durante e depois da guerra, basta observar a quantidade de edifícios nas ruas de ambas as cidades que datam das décadas de 1910 e 1920.

O historiador Martin Dreher (2011) diz que São Leopoldo foi município líder na produção de energia elétrica no Rio Grande do Sul por longos anos. A primeira usina foi inaugurada em 1913, denominada de Picada 48. Até 1930, a demanda de energia aumentará de tal forma que foi inaugurada a segunda central elétrica com o nome de Usina da Toca, construída em parceria com o município de Taquara.

Os dois exemplos apontam como a demanda por energia elétrica também era uma necessidade das cidades no período, uma vez que nesse período as duas urbes eletrificaram as ruas centrais além do aumento de pequenas e médias indústrias. Taquara e São Leopoldo possuíam uma infinidade de fábricas que produziam cerveja, gasosa, embutidos, banha; também passaram a existir as primeiras fundições e serrarias.

O crescimento urbano também trouxe diversos problemas, tais como mobilidade, comunicação, agilidade nos transportes, eletricidade e saneamento. Com certeza, de todos os problemas e necessidades de melhoras, a eletricidade e o saneamento estavam sempre na pauta dos intendentos e do Presidente do Estado.

Borges de Medeiros em 1919, em sua mensagem anual a Assembleia, apontou que o aumento produtivo do Rio Grande do Sul causado pela guerra trouxe um velho problema à tona: os transportes. Ele menciona que essa dificuldade trouxe inúmeros prejuízos, assinalando que a solução era melhorar a navegação fluvial e lacustre, estradas de rodagem e vias-férreas.

As atenções dadas ao transporte prolongou a ferrovia do Vale do Sinos até o distrito de Canela, situado no município de Taquara, no ano de 1922, com o intuito de buscar a madeira existente no planalto.

Em São Leopoldo e Taquara existiam preocupações com as questões sanitárias, principalmente com a coleta de esgoto e melhora na distribuição de água. Coincidência, ou não, foi logo após a Primeira Guerra Mundial que ambas as cidades passaram a resolver esses

problemas, muito provavelmente, capitalizadas pelo surto produtivo da guerra que estabilizou as finanças.

Em São Leopoldo, conforme discorrem Marluza Harres e Fabiano Ruckert (2011), a partir de 1921 os problemas de ordem sanitária passaram a ser resolvidos. Em Taquara, Alex Müller (2010) lembra que os problemas sanitários também passaram a ser sanados em 1920, quando o intendente, que era engenheiro, passou a trabalhar no projeto do asseio público.

Além das melhores no transporte e sanitárias, a guerra estimulou o crescimento de edificações. As áreas centrais das cidades transformaram-se em grandes comércios, principalmente aqueles que faziam o entreposto entre a colônia e a exportação do produto. Também houve um incremento na infraestrutura pública, como por exemplo, abertura de novos bancos, melhora nas praças públicas, melhora nas calçadas e ruas. Um verdadeiro surto de embelezamento acometeu a década de 1920, e com certeza, um dos reflexos foi a capitalização construída durante o conflito, aliada ao novo padrão de cidade que o Brasil vivia no momento.

De tal modo, os resultados preliminares mostram que a urbanização na década de 1920 teve relação com a melhora na economia da região, aliado ao processo produtivo do campo.

Considerações Finais

A Primeira Guerra Mundial foi para o Vale do Sinos benéfica, sob o ponto de vista da capitalização, entretanto, foi negativa, sob o ponto de vista das primeiras tentativas de enquadramento das comunidades de imigrantes alemães pelo Estado brasileiro.

A educação foi o primeiro segmento a sofrer controle do Estado, esse buscando doutrinar o imigrante a falar o idioma oficial do país e conhecer a história brasileira. A Primeira Guerra Mundial estimulou a desconfiança da política brasileira para com as comunidades alemãs, preparando o terreno para a perseguição maior que ocorreu na Segunda Guerra Mundial.

A questão das trocas dos nomes de logradouros públicos mostra o quanto era importante a nomeação, podendo ser averiguado que a República brasileira tinha uma preocupação muito grande com a questão simbólica dos nomes dos espaços comum a todos, como por exemplo, nomeações que lembrassem a Alemanha, mesmo que quando esse imigrantes vieram ao Brasil seu país sequer existia.

A política rio-grandense na República sempre esteve bem vigiada, não é por acaso que Borges de Medeiros permaneceu no poder rio-grandense por quase três décadas. O que se pode perceber é a coincidência, ou não, da política local estar nas mãos de pessoas que não

eram descendentes dos imigrantes, além do Presidente do Estado cessar os comentários elogiosos a comunidade alemã no período de guerra. O que se nota é que o Rio Grande do Sul precisava das áreas de colonização, entretanto elas deveriam estar vigiadas constantemente.

A Primeira Guerra Mundial reestimulou a produção agrícola no Vale do Sinos, além de canalizar os recursos para o desenvolvimento das cidades. Com certeza, no Rio Grande do Sul, a agricultura proporcionou o crescimento de grandes casas comerciais e após os comerciantes canalizaram os recursos na indústria no pós-Segunda Guerra Mundial. O papel da agricultura do Vale do Sinos foi gradativamente caindo após a Primeira Guerra Mundial, uma vez que durante a segunda edição do conflito, as novas colônias do norte do Rio Grande do Sul já estavam em intensa produção.

A área urbana com certeza foi a mais beneficiada pelo surto produtivo agrícola, favorecendo o surgimento de novos núcleos distritais que se tornaram municípios após a Segunda Guerra Mundial. Além disso, a capitalização gerada pela produção não reverteu para a área rural, e sim para o espaço urbano, com o embelezamento das vias, a higienização, a eletrificação, a construção de espaços de sociabilidade (cinema, cafés, clubes). Ainda, a burguesia comercial favoreceu-se com a agricultura enquanto os colonos permaneciam no atraso das técnicas produtivas e da baixa escolaridade.

O Vale do Sinos, é um exemplo de espaço que teve suas estruturas atingidas pelo conflito mundial, como também é uma região que apresentou suas particularidade durante esse evento, mostrando de tal modo que uma região não é a repetição de processos e também não se configura como menos importante, demonstrando a importância da história regional para a compreensão das diversidades regionais.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. Ponta Grossa. **Revista de História Regional**. Vol. 10, n.1, p.95-129, 2005.
- CARBONARI, María Rosa. De como explicar la región sin perderse em el interno. Repasando y repensando la Historia Regional. In: **História Unisinos**. São Leopoldo: v.13, n.1, p.19-34, 2009.
- COMITESINOS. **Caracterização da Bacia**. Disponível em: http://www.comitesinos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=27 Acesso em 13/03/2013.
- DREHER, Martin. O desenvolvimento econômico do Vale do Sinos. IN: ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos A. **Pelos caminhos da Rua Grande**. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- DORATIOTO, Francisco. O Brasil no mundo. IN: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

- FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- FERNANDES, Dóris Rejane. Tristão Monteiro e o projeto colonizador do Mundo Novo. In: BARROSO, Vera & SOBRINHO, Paulo. **Raízes de Taquara**. São Leopoldo: EST, 2008A. Vol. 1.
- HARRES, Marluza; RUCKERT, Fabiano. Controle e conquista das águas, rio dos Sinos. IN: ARENDT, Isabel C.; WITT, Marcos A. **Pelos caminhos da Rua Grande**. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- HEREDIA, Edmundo. La región en la globalización y en la historia de las relaciones internacionales latino-americanas. In: **Globalización e Historia: III Jornadas de historia de las Relaciones Internacionales**. Tandil/B.A., 1996.
- ISABELLE, Arséne. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, 2006.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. Set-Dez, nº 15, 2000.
- LAGO, Luiz Aranha Corrêa do; FRANCO, Gustavo. O processo econômico. IN: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). **A abertura para o mundo (1889-1930)**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MARTINS, Ana L. **O Despertar da República**. São Paulo: Contexto, 2001.
- MATTOS, Hebe. A Vida Política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord.). **A abertura para o Mundo (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MAZUREK, Jerzy. **A grande guerra do homem branco**. Aula proferida na disciplina Primeira Guerra Mundial e suas consequências no PPG em História da Universidade de Passo Fundo - UPF. Passo Fundo – RS, em 26 de agosto de 2013.
- MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. Mensagem enviada á Assembléa dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo Presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros na sessão ordinária da 8ª legislatura em 20 de setembro de 1918.
- MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. Mensagem enviada á Assembléa dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo Presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros na sessão ordinária da 8ª legislatura em 20 de setembro de 1907.
- MEDEIROS, Antonio Augusto Borges de. Mensagem enviada á Assembléa dos Representantes do Estado do Rio Grande do Sul pelo Presidente Antonio Augusto Borges de Medeiros na sessão ordinária da 8ª legislatura em 20 de setembro de 1919.
- MOEHLECKE, Germano Oscar. **São Leopoldo: contribuição à história da vida política e administrativa (1824 – 2010)**. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- MÜLLER, Alex Juarez. **Paisagens Urbanas e suas Representações Fotográficas: Cidade de Taquara (1882-1930)**. Trabalho de Conclusão de Curso – FACCAT, 2010.
- PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- REINHEIMER, Dalva. **A Navegação fluvial na República Velha gaúcha**. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Vol. I. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, 2002.
- SKIDMORE, Thomas. **Uma história do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré-História do Rio Grande do Sul**. 2ª ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.
- ZARTH, Paulo Afonso. **Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX**. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

Notas

¹ Durante a República Velha, a constituição rio-grandense (1891) atribuía o título de Presidente ao que hoje se refere como governador.

² A região do Vale do Rio dos Sinos está localizada na encosta da Serra Geral do Rio Grande do Sul na porção nordeste, formada por 32 municípios, ocupando uma área de 3.800km². (COMITESINOS, 2009)

³ Sobre a navegação no Rio dos Sinos e de outros cursos d'água no Rio Grande do Sul consultar a obra “A Navegação fluvial na República Velha gaúcha” da historiadora Dalva REINHEIMER (2010).

⁴ Sobre a pré-história dessa região e do Rio Grande do Sul consultar a obra “Pré-História do Rio Grande do Sul” de organizada pelo arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz (2006).

⁵ Sobre a formação das fronteiras do Vale dos Sinos consultar o artigo “Tristão Monteiro e o projeto colonizador do Mundo Novo” da historiadora Dóris Rejane Fernandes (2008).

⁶ O termo é empregado pela historiadora Sandra Pesavento em sua obra “História do Rio Grande do Sul”.

⁷ Sobre Taquara/RS no período da República Velha consultar a pesquisa de Alex Juarez Müller (2010), “Paisagens Urbanas e suas Representações Fotográficas: Cidade de Taquara”.